

D. ANTÓNIO FRANCISCO DOS SANTOS

«QUE A MINHA DIOCESE SEJA PÁTRIA DAS BEM-AVENTURANÇAS»

TEXTO E FOTOGRAFIA | RICARDO PERNA

D. António Francisco dos Santos é bispo do Porto há um ano. D. Manuel Clemente foi nomeado Patriarca de Lisboa, e de Aveiro veio o seu substituto. Conhece todos os párocos das 477 igrejas da diocese, e gostava de conhecer cada um dos 2,3 milhões dos seus habitantes. Um bispo apaixonado por Aveiro que agora transferiu esse amor para o Porto.

Um ano depois... como se sente o bispo do Porto? Em casa?

Sente-se em casa com alegria, nesta Igreja que o Senhor lhe confiou. Foi um ano muito especial, muito próprio, muito diferente de tantos outros que eu, com a graça de Deus, já vivi. Primeiramente porque foi uma



decisão que eu senti inesperada, quando fui chamado pelo Papa a ser bispo do Porto, e por isso este percurso deste ano foi vivido primeiramente para acolher com sinceridade a surpresa da decisão do Papa e o convite que o Papa me fez para ser bispo do Porto. A partir do dia 5 de abril, há um ano, iniciei o meu ministé-

rio no Porto, e aí começou a minha entrega a esta Igreja, e o sentir que essa entrega tem de passar pela minha entrega a Deus para que Deus faça, através de mim, aquilo que Ele julgar necessário, útil e prioritário para a missão do bispo na Igreja do Porto.

Foi um ano muito ativo...

Procurei nos primeiros tempos, e sempre o farei, pois é um trabalho que não está acabado, conhecer. Conhecer as pessoas. Gostaria de conhecer cada pessoa da diocese. Depois conhecer as comunidades cristãs. Que tenho procurado conhecer, semana a semana, percorrendo as diferentes comunidades. Tenho o desejo de celebrar em todas as igrejas, que são 477, e de ir a todas as paróquias, mesmo que seja em momentos rápidos. Depois, conhecer a história. Tenho procurado, nos meus tempos livres, conhecer a história desta Igreja. Tive a bênção de estarmos a festejar diversas efemérides marcantes, como os 900 anos de restauração da diocese, os 150 anos do seminário ou o centenário do regresso de D. António Barroso depois do exílio, e este conhecimento da história ajuda-me a percorrer os desígnios de missão que Deus foi abrindo no decorrer dos séculos para esta Igreja do Porto. Depois, conhecer os sonhos, das pessoas, mas sobretudo o sonho de Deus para esta Igreja. Este tem sido o meu trabalho durante este ano.

👉 **Passado um ano, a diocese que encontrou era a que esperava encontrar?**

Era o que eu esperava encontrar. Houve surpresas, sobretudo no sentido positivo, são muito mais as maravilhas, o dom, a bênção e a disponibilidade para o trabalho e a generosidade das pessoas, a preparação e formação a todos os níveis, e isso é uma graça que devo saber reconhecer e louvar ao Senhor.

A renovação é a principal preocupação para a diocese?

Creio que sim. A iniciação cristã sempre foi e é fundamental nos tempos novos que vivemos. A nossa renovação passa pela iniciação cristã, pela formação, pela comunidade, pela valorização da pastoral vocacional, que está muito presente no Porto e que eu quero rentabilizar. Tenho projetos desenhados no meu coração e no meu sentido de servir esta Igreja para o futuro, e irei propondo na medida em que esses projetos forem assumidos, interiorizados e fonte de motivação das pessoas, concretamente dos sacerdotes, e de mobilização das comunidades.

A falta de clero em todo o país tem levado à criação de unidades pastorais em muitas dioceses. No Porto, essa será também uma realidade?

No Porto temos uma realidade muito específica. Temos muitos sacerdotes, graças a Deus. Embora alguns sejam de idade avançada, conti-



nuam ao serviço do trabalho pastoral. Há sacerdotes com várias paróquias, e o trabalho pastoral que vamos fazer, e a forma de viver, programar e pensar e decidir as unidades pastorais não é agrupando paróquias por agrupar. Vamos partir do trabalho de cada sacerdote, criando caminhos e pontes de interparóquialidade. Há uma segunda dimensão do nosso trabalho pastoral que é valorizar as vigararias, pois cada uma tem de procurar implementar essa forma de trabalho em unidade pastoral. Temos experiências muitas belas e positivas no campo da valorização da vigararia como comunidade pastoral. A partir daí teremos dimensionado e reorganizado a

estrutura da administração paroquial, da organização das nossas paróquias. É um trabalho que parte da base, da sua situação no terreno, e que parte dos sacerdotes. Não é por termos poucos sacerdotes que queremos implementar as unidades, mas sim porque é esse o caminho de futuro da Igreja. Tenhamos muitos ou poucos sacerdotes, é por aí que devemos caminhar, porque é esse o desígnio da missão no futuro da Igreja e na nossa diocese no Porto.

Fundir paróquias, como fez o governo com as freguesias, pode ser outra solução?

Não estamos num tempo de criar paróquias. Aliás, estamos a celebrar 50 anos de muitas paróquias que

surgiram nas zonas urbanas que cresceram mais recentemente. Mas agora a reorganização urbana está firmada, e não haverá novidades neste campo, a não ser em casos muito pontuais. Mas também não estamos em tempo de extinguir paróquias. Mesmo as mais pequenas terão sempre a sua matriz de identidade que foi trabalhada e moldada ao longo dos séculos, e que hoje, integradas com outras paróquias, poderão constituir uma unidade.

O trabalho pastoral que vamos fazer, e a forma de viver, programar e pensar e decidir as unidades pastorais não é agrupando paróquias por agrupar.

Que papel poderão ter os diáconos permanentes no futuro de uma diocese com cada vez menos sacerdotes?

O futuro passa pelo trabalho corresponsável de todos. Um ministério ordenado tem aqui

uma expressão muito grande. Houve um grande esforço do meu antecessor, D. Manuel Clemente, que já se tinha iniciado antes, com a ordenação de diáconos permanentes. Temos 477 sacerdotes e 80 diáconos permanentes, distribuídos um pouco por todas as vigararias. O trabalho que estamos a fazer é da inserção na comunidade, para ajudarmos o próprio diácono a entender o seu ministério no terreno, ajudar os presbíteros a acolher e a sentirem que a participação do diácono como ministro ordenado é um serviço concreto e imprescindível, e a ajudar as comunidades a descobrir o lugar e a missão e ministério do diácono, e estamos a conseguir.

Na sua mensagem para a Quaresma e Páscoa, usou a imagem da porta. Porta de saída em direção aos outros, ou porta da entrada de Deus na vida dos cristãos que andam meio “adormecidos”?

Estamos a viver um caminho de sete semanas e isso convida-nos a abrir uma porta todas as semanas para entrarmos na Igreja. Depois da Páscoa temos mais sete semanas, em que as portas, que se abriram para nós entrarmos na Igreja, se abrem agora para sairmos ao encontro do mundo. É uma convicção muito profunda minha que temos de ter a capacidade de ir ao encontro com o mundo, e esse encontro faz-se no diálogo e na presença junto dessas pessoas onde elas vivem, 🤝

junto das famílias, das instituições, da sociedade civil, da cultura, dos que mais sofrem, e essas sete semanas são para irmos ao encontro de Deus e para recebermos essa Boa Nova do Evangelho que nos vai dizer que Cristo venceu a morte e o pecado e ressuscitou vitorioso. A porta não pode ser nunca uma porta que feche caminhos para a Igreja ou que encerre os cristãos dentro da Igreja. Tem de ser porta que se abre, um abrir pleno, para que as pessoas entrem na Igreja.

Os cristãos do Porto estão disponíveis para serem ousados e criativos?



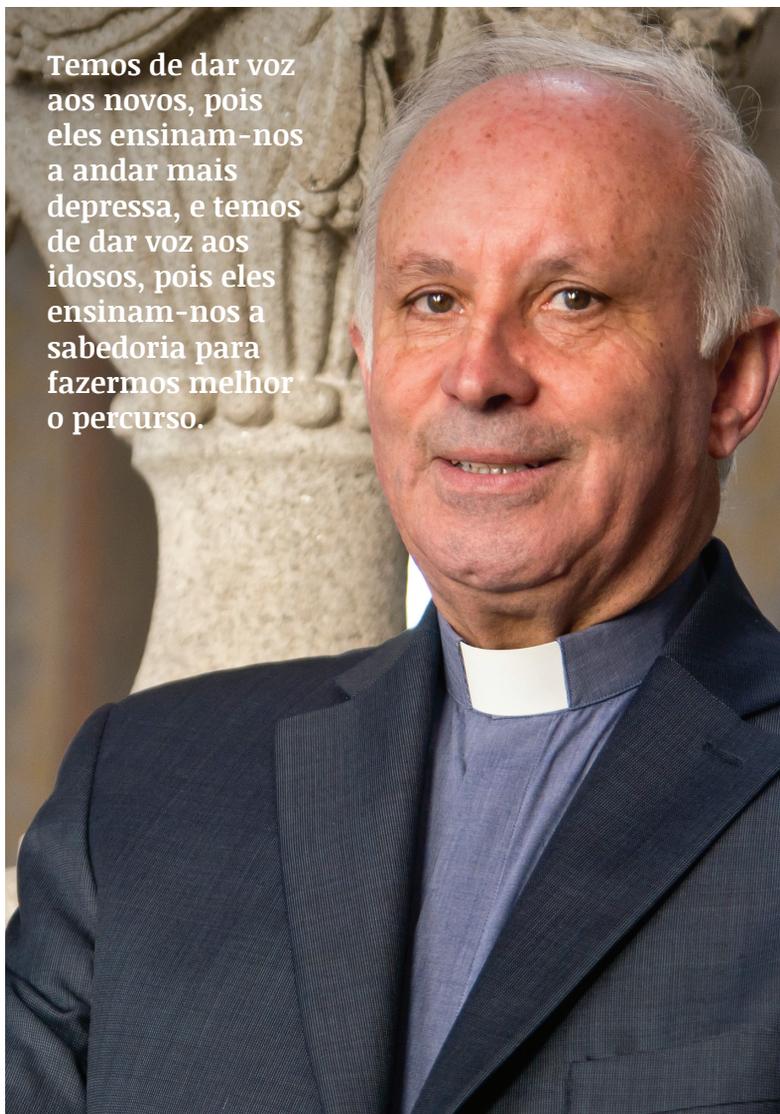
Estão. Eu tenho estado com todos os sacerdotes que trabalham na diocese durante este ano, e sem imodéstia digo que os conheço a todos, e sinto-os muito motivados, e se ele estiverem motivados motivam todos os outros nas suas comunidades. Os tempos passam muito rapidamente, e sem mudança, criatividade e renovação, a vida entra na rotina e no desgaste. Temos de dar voz aos novos, pois eles ensinam-nos a andar mais depressa, e temos de dar voz aos idosos, pois eles ensinam-nos a sabedoria para fazermos melhor o percurso.

Que desejos tem para esta sua diocese do Porto?

É uma pergunta curiosa. Desejo que seja aquilo que Jesus Cristo quer para a sua Igreja no Porto. Que nós todos, a começar pelos que agora surgem na vida e crescem até aos

mais idosos, os leigos e consagrados, os diáconos, os presbíteros e os bispos, que todos sejamos capazes de entender o sonho de Deus para esta Igreja, e sejamos capazes de o concretizar na oração e na ação, na disponibilidade interior e na entrega total a esta Igreja. Desejo muito, porque é um lema de vida, que a minha diocese seja pátria das Bem-Aventuranças, onde as pessoas sintam que as palavras de Jesus Cristo, que nos diz que somos felizes, são dirigidas a cada um de nós. **fc**

Para ver esta entrevista em vídeo, visite-nos em www.youtube.com/familiacristapt.



Temos de dar voz aos novos, pois eles ensinam-nos a andar mais depressa, e temos de dar voz aos idosos, pois eles ensinam-nos a sabedoria para fazermos melhor o percurso.